



A FUNAI ainda não emitiu nenhuma nota oficial sobre o pedido de demissão e as denúncias de Antonio Cotrim Neto. Aparentemente, a presidência da FUNAI está esperando que o assunto deixe de ser comentado com insistência para se manifestar. Amanhã publicaremos uma análise da FUNAI, feita por Cotrim.

COTRIM CONTRA OS POSSEIROS BRANCOS.

A missão de Cotrim, em 1966, com os índios gaviões, era um caso complicado, ligado a questões de terra. Muitos anos antes, a região da localidade de Mãe Maria, a 30 quilômetros de Marabá, fora habitada por índios gaviões. Depois de atritos entre eles e brancos, o governo estadual, resolvera doar-lhes, por escritura pública, uma área de 52 mil hectares para uma empresa particular.

Por motivos internos, os gaviões, depois disso, dividiram-se em grupos e abandonaram a área que era sua para morarem em lugares mais distantes. Um desses grupos estava a mais de 80 quilômetros de Mãe Maria, colhendo castanhas para uma empresa particular.

A área de Mãe Maria, embora abandonada, continuava sendo dos índios. Quem a administrava era o Serviço de Proteção ao Índio. Para fazer a área de 51 mil hectares, render alguma coisa, o SPI havia arrendado alguns trechos a homens brancos. Com o dinheiro do arrendamento, reforçava sua receita sempre precária.

Em 1965, porém, conta Cotrim, o SPI começou a receber propostas de novos arrendamentos, a preços altíssimos. Cotrim foi a Mãe Maria exatamente para descobrir por que estavam fazendo ofertas tão altas.

— Não foi difícil — diz ele. A região era riquíssima em castanhas, madeira de lei e terras aráveis. Passara a despertar interesse a partir de 1964, quando o governo do Pará começou a abrir rodovia PA-70, ligando a Belém-Brasília a Marabá.

Cotrim descobriu, também, que as terras dos índios estavam ocupadas por dezenas de posseiros, todos eles a serviço de homens de negócios em Marabá, que haviam obtido do governo estadual títulos de posse. A terra não era do governo do Estado; era dos índios, mas assim mesmo o governo expediu os títulos de posse.

— O SPI — conta Cotrim — entrou com pedido de reintegração de posse no Fórum de Marabá, e ganhou. A polícia de Marabá, porém, não tinha vontade de cumprir a ordem do juiz. Cotrim insistiu e acabou ameaçado de morte. Os policiais, diz ele, só para manter as aparências, chegaram a ir até Mãe Maria, mas voltaram sem desalojar qualquer posseiro.

Então, Cotrim ficou sabendo da existência do grupo

de 28 Gaviões, que moravam a 80 quilômetros de distância colhendo castanha para os brancos.

Teve uma idéia: se conseguisse tirar os Gaviões de lá e trazê-los para Mãe Maria, atingiria dois objetivos, isto é: estaria melhorando as condições de vida dos índios e garantindo para eles a posse das terras.

Foi procurar os Gaviões e fez-lhes a proposta. Eles mandaram cinco representantes para verificar as condições de Mãe Maria, e aceitaram a oferta. Ai os problemas começaram. Os brancos, que estavam nas terras, não queriam desocupá-las.

Cotrim, então, resolveu enganá-los. Iniciou uma guerra psicológica contra eles. Como o grupo dos Gaviões, de apenas 28 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, era muito pequeno para intimidar os posseiros, Cotrim espalhou o boato de que eram centenas de índios.

Os Gaviões já eram conhecidos na área, também, como índios decadentes e fracos. Não amedrontavam ninguém. Cotrim passou a espalhar que se tratava não de gaviões, mas de Xavantes, índios muito respeitados.

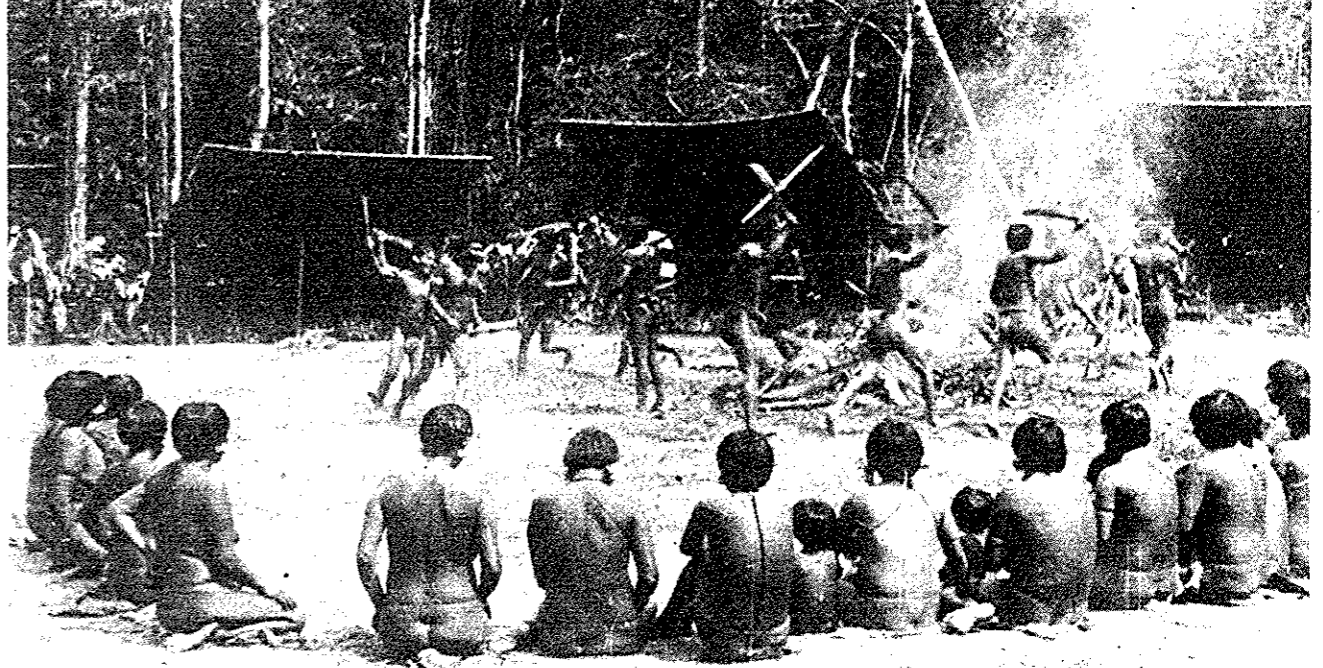
E usou outros artifícios. Trouxe para a região de Mãe Maria os 28 Gaviões sem que os brancos percebessem, mandou que se pintassem com a tinta vermelha do urucum, para não serem reconhecidos como Gaviões, e instruiu-os para que se deixassem ver, de vez em quando, em diferentes pontos da estrada. Ao mesmo tempo, Cotrim ia alertando os posseiros:

— Se vocês encontrarem uns grupos de 50 índios vermelhos e beicudos por aí, não se assustem. Eles são pacíficos. Só brigam com quem estiver em suas terras".

Resultado: em uma semana, as terras dos índios estavam totalmente abandonadas pelos brancos. Depois de instalar nelas os 28 Gaviões, Cotrim foi a Marabá ver como estavam as coisas. Prenderam-no. Acusação: estava liderando 500 índios armados contra os brancos.

Logo depois, diz Cotrim, a Polícia Federal apareceu e interveio na disputa, consolidando a ocupação da terra pelos Gaviões, seus verdadeiros donos.

Como 52 mil hectares era terra demais para apenas 28 índios, em 1968 foi levado para lá outro grupo de Gaviões, que estavam em atrito com os brancos na fronteira do Pará com o Maranhão. Do grupo, 58 índios, só 38 estão vivos.



Para confiar no branco, o índio precisa de muitas provas.

O MAIS DIFÍCIL É TER A CONFIANÇA DO ÍNDIO

No segundo semestre de 1968, Antonio Cotrim Neto tratou do caso de um novo grupo de índios gaviões. Eles moravam na divisa do Pará com o Maranhão, perto da rodovia Pa-70, mas a quase 150 quilômetros de Mãe Maria, lugar onde Cotrim fixara o primeiro grupo de gaviões com que trabalhou.

Esse novo grupo de gaviões morava na altura do km 180 da Pa-70. Tinha entrado em choque com empregados de uma empresa madeireira, matando um motorista a flechadas. Cotrim foi mandado lá para acalmá-los. Nessa tribo de gaviões, Cotrim viveu uma das experiências que mais o impressionou.

Depois dos trabalhos habituais de aproximação, ele conseguiu entrar em contato com os gaviões. Com intérpretes, iam com ele dois índios gaviões, de outro grupo, já integrados. Quando os três entraram na aldeia, a confiança inicial dos gaviões estava conquistada.

Cotrim levava machados, facões e outros brindeis. Distribuiu-os equitativamente. Era o benfeitor. Então, pelo intérprete, uma velha da aldeia perguntou a Cotrim: "Mas se vocês são brancos, nunca nos deram nada. sem-

pre nos perseguiram desde nossos antepassados, porque aparecem agora oferecendo tudo isso de presente? O que vocês querem em troca?" Era o equivalente a perguntar — "E o que virá depois?" — explica Cotrim.

— E eu, sinceramente, não tive nada para responder, à velha, Calci-me, envergonhado. O intérprete sentiu o meu embaraço e perguntou-me com um olhar significativo: "Será que não vai acontecer com eles o que aconteceu ao meu grupo?" O grupo do intérprete, o dos Gaviões da Montanha, tivera contato com os brancos em 1961. Em sete anos, se reduziu de 130 para apenas 18 pessoas.

Durante onze meses Cotrim ficou com esses Gaviões. A custa de muita briga com o SPI, tinha conseguido levar remédios em quantidade suficiente. Durante o tempo que ficou lá, só morreu uma pessoa — a velha índia da pergunta embaraçosa. Até hoje, Cotrim tem algum sentimento de culpa pela sua morte. A velha o intimidava de tal forma, que ele não conseguia tratar dela com a mesma naturalidade com que cuidava dos outros índios doentes.

Cotrim, com garantias da FUNAI, fazia várias promes-

sas aos gaviões. Por exemplo: os colonos brancos não se aproximariam mais. Nenhuma das promessas, no entanto, era cumprida. Na metade 1969, os índios, sentindo que cada vez eram mais encurralados pelo homem branco entre a rodovia Pa-70, a Belém-Brasília e o rio Tocantins, começaram a perder a confiança em Cotrim.

Preparavam-se para a guerra. Todas as noites, com fogueiras, executavam seu ritual guerreiro. Sem Cotrim perceber, grupos de guerreiros que diziam sair para a caça, atacavam brancos. A aldeia preparou-se para o pior. As mulheres provocavam abortos, dando socos na barriga, para poderem fugir mais depressa se a luta exigisse deslocamentos rápidos.

Os índios passaram a atacar e matar colonos. Cotrim cobrou-lhes antiga promessa de que não atacariam mais os brancos. Eles responderam que haviam aprendido a não cumprir a palavra com os brancos.

O próprio Cotrim correu risco de vida. Quase foi executado. Os índios acabaram dando-lhe um último prazo para ir consultar a FUNAI sobre seu futuro. Cotrim deixou os dois índios intérpretes que levava, como reféns, e foi consultar a FUNAI. Tentou obter apoio para os índios. Explicou que eles se recusavam a deixar as terras. A FUNAI manteve-se irredutível. Insistia na transferência dos Gaviões para Mãe Maria, onde já havia índios da mesma família. A transferência tinha que ser imediata, para deixar a área livre aos colonos e aos construtores da Pa-70. Cotrim voltou desolado à aldeia dos gaviões. Foi sincero. Expôs claramente a posição da FUNAI. Explicou-lhes que só tinham duas alternativas: ou resistir, e lutar contra forças muito mais poderosas, ou ceder e mudar para Mãe Maria. Deixou a escolha por conta do gavião. Se eles preferissem a guerra, lutaria do lado deles. Realistas, os índios preferiram ceder e mudar-se. A FUNAI, porém, transferiu-os precipitada e desorganizada para Mãe Maria, contra os conselhos de Cotrim. Não houve tempo de preparar roças de recepção aos índios. Por isso, quando eles chegaram a Mãe Maria, tiveram graves problemas de sobrevivência. De um total de 58 índios, restam agora só 38.

SINAIS DE PAZ?

Quase não há mais dúvidas de que os índios kranhacacores queriam fazer a paz. O que ainda não se sabe é se os seus sinais de paz foram deixados na selva antes ou depois do incidente em que um deles foi baleado.

O sertanista Claudio Villasboas tem uma explicação para o feixe de flechas amarradas, as bordunas e o arco encontrados anteriormente no mesmo lugar onde, há alguns dias, um trabalhador foi atingido por duas flechas dos índios kranhacacores: os índios deixaram esses objetos como sinal de paz.

— As flechas amarradas têm o significado de uma proposta de amizade. São uma demonstração de que eles não estão querendo usar suas armas contra nós.

Perto do lugar onde o trabalhador foi flechado, também foram encontradas, na beira de um córrego, pedregal de índios, adultos e crianças. Claudio Villasboas, que conhece muito bem os índios, outra vez dá sua interpretação.

— As pedregal de crianças provam que os índios se aproximaram do acampamento com suas famílias e, portanto, não vieram para lutar.



Agora, há mais calma nos acampamentos.

Esses fatos e as explicações que o sertanista fez, explicando aos 60 trabalhadores reunidos no acampamento Peixoto de Azevedo que não havia perigo de um ataque dos índios, reduziram muito a tensão que há vários dias havia no acampamento.

Mas ficou uma dúvida entre todos os membros do acampamento: os índios te-

riam deixado seus sinais de paz antes ou depois do incidente? Se tiver sido antes, o incidente (em que o trabalhador flechado atingiu um índio, com uma bala) deveria ter modificado os propósitos de paz dos índios. Se ficar confirmado que os índios deixaram as flechas, as bordunas e o arco antes da luta, serão confirmadas também as suspeitas do ser-

tanista Claudio Villasboas de que o trabalhador não atirou — como afirma — depois de ser flechado, mas atirou primeiro.

— Se os kranhacacores vieram com suas famílias para uma demonstração de amizade, por que iriam atacar o trabalhador? É provável que ele tenha visto os índios de surpresa e, apavorado, tenha atirado primeiro.

(Em defesa das afirmações do trabalhador existe a hipótese de que os índios tenham abandonado as armas durante a fuga desordenada que empreenderam, depois do ataque).

E se as armas tiverem sido deixadas no local depois do incidente?

— Se os kranhacacores visitaram o local depois do incidente — diz Claudio Villasboas — isso seria extraordinário, pois poderíamos interpretar o fato até como uma demonstração de que os próprios índios estão dispostos a nos pacificar.

AURELIANO SENTE DOR. É UMA PONTA DE FLECHA?

Aureliano Bispo de Oliveira, o trabalhador do 9º Batalhão de Engenharia e Construção que foi flechado pelos índios gigantes, está hospitalizado na Casa de Saúde Santa Helena, em Cuiabá. Conforme o resultado das radiografias feitas ontem, Aureliano poderá ser operado novamente hoje. A primeira operação foi feita ainda no acampamento do rio Peixoto de Azevedo, para retirar a flecha que atingiu a coxa. Mas Aureliano continua sentindo dores e diz que ainda há alguma coisa em sua coxa. Os médicos que o examinaram não conseguiram encontrar nenhum sinal que indicasse a presença de outro corpo estranho na coxa do operário e por isso fizeram as radiografias. O estado geral de Aureliano é bom, ele pode receber visitas e conversar bastante. Chegou a Cuiabá em um helicóptero da FAB, que foi ao acampamento do rio Peixoto de Azevedo especialmente para levar médicos, remédios e trazê-lo ao hospital de Cuiabá. Mas continua tomando soros e sendo observado pelos médicos. Depois que foi flechado, Aureliano tornou-se conhecido. Para ele, é engraçado ficar famoso através das notícias publicadas sobre as duas flechadas que ele levou.

A ESTRADA CHEGA ÀS TERRAS DOS ATROARIS

A rodovia BR-174, que ligará Manaus a Caracará, em Roraima, já atingiu o território dos perigosos índios atroaris e uaimiris. Alguns deles observam o trabalho de desmatamento, sem ameaçar os operários. Em 1968, esses índios mataram o padre Calleri e sua expedição, que ia pacificá-los. Só agora foi feito novo contato com eles: dia 25, 40 quilômetros ao norte do rio Santo Antonio, os trabalhadores viram as primeiras aldeias, mas os índios não reagiram. Nesse dia, o sertanista Gilberto Figueiredo conseguiu aproximar-se deles e dar-lhes presentes. Além dos atroaris e uaimiris, que quase obrigaram o DNER a modificar o traçado da estrada, há mais duas tribos de índios agressivos, da família dos atroaris. Dessas tribos, a FUNAI ainda não sabe nem os nomes. Sabe apenas que estão próximas da cabeceira do rio Anumá, próximo a Caracará. Essa região será alcançada pela estrada só em setembro. Até lá, a FUNAI tomará todas as providências para pacificá-los, para que os trabalhadores não corram o perigo de serem mortos. Para fazer mais contatos com os atroaris e uaimiris, a FUNAI instalou dois postos, na confluência dos rios Uatamá e Abuná e, também, na confluência do Alalau com o Camanau. Na região do Jauaperi e do Anumá será instalado, depois, outro posto de atração.